

OS ESCRITOS MORAIS DE UMBERTO ECO E 11 ALERTAS DE QUE O FASCISMO ESTÁ ENTRE NÓS



André Bomfim dos Santos

Professor adjunto do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Os textos da coletânea Cinco escritos morais de Umberto Eco têm em comum, segundo o próprio, o “caráter ético”. Ou seja, “aquilo que seria justo fazer, aquilo que não se deveria fazer ou aquilo que não se pode fazer em hipótese nenhuma”. Proferido em 1995, em uma conferência acadêmica da Universidade de Columbia, O fascismo eterno se tornaria um dos seus textos mais difundidos. Em meio ao avanço dos movimentos de ultradireita mundo afora, o fascismo eterno recupera seu fôlego e relevância e segue como farol para nos lembrar do que não podemos tolerar em hipótese alguma.

Eco viveu sua infância e adolescência na Itália fascista de Mussolini. E é a partir da experiência própria que alerta para o fato de que governos totalitários não voltariam hoje da mesma forma de outrora. Mas sim de forma sorrateira e nebulosa. Como um pseudossistema de características difusas e contraditórias, mas ligadas pelo despotismo e pelo fanatismo. É a este fascismo difuso, que Eco denomina de Ur-Fascismo ou Fascismo Eterno. E elenca suas características com o objetivo de lhe dar contornos e fazer com que fiquemos atentos. Tomei a liberdade de organizá-las e sintetizá-las em 11 tópicos. E convido o leitor a fazer sua própria checagem, confrontando-os com o cenário sociopolítico atual. Aqui vão eles.

1. CULTO DA TRADIÇÃO E RECUSA DA MODERNIDADE

Fascistas usam o tradicionalismo para legitimar seu poder. A “verdade” é divina e já foi anunciada de uma vez por todas. Por isso, não deve haver avanço do saber. Daí a recusa da modernidade: iluminismo, razão e liberação dos costumes serão sempre vistos como o início da depravação moderna.

2. IRRACIONALISMO

No fascismo os fins justificam os meios. A ação deve ser realizada sem maiores reflexões. A cultura moderna e a inteligência liberal serão acusadas de abandono dos valores tradicionais. “Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola”, dizia Goebbels. “As universidades são um ninho de comunistas”, ouvia o jovem Eco na Itália fascista.

3. NÃO ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE

Para o fascismo, aquele que está em desacordo com a tradição é um traidor. O desacordo é um sinal de diversidade. E o fascismo se alimenta do medo da diferença.

4. RACISMO

O primeiro apelo de um movimento fascista é contra os intrusos. O fascismo é racista por definição.

5. APELO ÀS CLASSES MÉDIAS FRUSTRADAS

O fascismo se alimenta da frustração individual ou social. Daí o apelo à classe média desvalorizada por alguma crise econômica ou perda de prestígio frente à ascensão de outras classes sociais.

6. NACIONALISMO

Regimes fascistas irão pregar que o maior privilégio é ter nascido em um mesmo país. E os que irão fornecer identidade a essa nação serão seus inimigos. Os seguidores do regime deverão se sentir sitiados e vítimas de um complô para que o líder fascista os incite à xenofobia.

7. ÓDIO ETERNO

O fascismo é alimentado pelo ódio e guerra permanentes contra os supostos inimigos do regime nacional. A derrota total do inimigo conduziria ao pacifismo. Portanto, o ódio e o temor pelo retorno do inimigo devem ser mitigados de forma permanente.

8. O MITO DO HERÓI

No regime fascista cada um é educado para se tornar um herói e se preciso for, morrer pela pátria e pelo seu líder.

9. MACHISMO

Desdém pelas mulheres e a condenação de hábitos sexuais não conformistas, incluindo a homossexualidade e até a castidade. A sede de poder do fascista é transferida para o campo sexual com o controle de comportamentos e corpos desviantes.

10. GUERRA ÀS INSTÂNCIAS PARLAMENTARES

O recurso mais comum é por em dúvida a legitimidade dos parlamentos por “não representar mais a voz do povo”. No entanto, “o povo” para o fascismo é uma entidade abstrata e disforme, baseada em uma suposta vontade comum. Amparados nesse populismo abstrato, líderes fascistas irão se opor aos “pútridos” governos parlamentares.

11. USO DE UMA NEOLÍNGUA

Recurso comum em diversas formas de ditadura se refere ao uso de termos e expressões pobres e sintaticamente elementares com o objetivo de limitar o raciocínio complexo e crítico. Essas expressões podem funcionar como bordões ou clichês sobre os quais o líder fascista apoia seu discurso e doutrinação.

Somente em 1943, com a liberdade de imprensa, o jovem Eco compreenderia que estivera preso em uma ditadura. Por isso alerta para o fato de que o fascismo está ao nosso redor e em trajes civis: “É nosso dever desmascará-lo e apontar o indicador para cada uma de suas formas. A cada dia, em cada lugar do mundo”. Sigamos atentos e fortes.